

Quando, de 11 a 17 de Outubro de 67, quase 3000 participantes se reuniram em Roma, no III Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, não se podia fugir à interrogação que serve de título a este artigo.

Será legítimo falar ainda de "apostolado dos leigos" - perguntávamo-nos então - num momento em que se toma consciência de que todo o Povo de Deus está envolvido na mesma missão no mundo ? Não haverá o perigo de se pensar que o "apostolado dos leigos" é uma actividade especializada, marginal, um extra a juxtapor ao tecido da vida quotidiana, com suas sucessivas reuniões, encontros, etc ? Em outras ocasiões, porém, irrompia como uma revelação a novidade do "apostolado dos leigos" e as questões sucediam-se no nosso espírito : estarão todos os cristãos conscientes de que a participação na missão da Igreja é uma consequência do baptismo ? Como poderá tornar-se mais viva e oportuna a contribuição dos leigos na construção do mundo novo ? Haverá condições a estabelecer para que todos estes cristãos e os que eles representam sejam elementos vivos e fortes da Igreja no nosso tempo ?

Este conjunto de questões formuladas ^{em} ~~nos~~ dois sentidos opostos (esta dialéctica, poderíamos dizer) exprime, ao nível subjectivo da impressão recebida, o que está patente na realidade objectiva : o "apostolado dos leigos" é simultaneamente uma "categoria" a ser absorvida por outras teologicamente mais amplas e existencialmente mais verdadeiras e um espírito novo a criar e a estimular para que a Igreja seja ela própria e realize a sua missão no mundo.

Ao longo desta série de reflexões esboçarei algumas linhas mestras do pensamento sobre o "apostolado dos leigos" e da realidade viva que o termo designa. Procurarei distinguir, quando isso for oportuno, o que me parece " categoria " ultrapassada e o que desejaria como "espírito novo".



" Querendo tornar mais intensa a acção apostólica do Povo de Deus, o Sagrado Concílio volta-se solícitamente para os leigos cristãos...." (1,1)

" Acima de tudo, aprenda o leigo a cumprir a missão de Cristo e da Igreja, vivendo da fé no mistério divino da criação e da redenção, movido pelo Espírito Santo que vivifica o Povo de Deus e impõe todos os homens a amar Deus Pai, e, n'Ele, o mundo e os homens". (29, 2)

Este Povo é assim toda a comunidade eclesial. Pode dizer-se que os cristãos deste tempo fazem a descoberta vivida de que pertencem a uma família, a um Povo, a uma comunhão. Todos foram salvos por Cristo, todos receberam o mesmo baptismo, em todos habita o Espírito Santo. Está-se assim muito longe de um conceito de Igreja em que apenas se considerasse, ao designá-lo, a hierarquia. Ao falar-se de Igreja, entende-se todo o povo cristão. *

Mas na euforia ^{desta} descoberta tendem alguns ou a deixar totalmente de lado o elemento institucional da Igreja (visto como um "mal necessário"!) ou a estabelecer uma prioridade cronológica (e ontológica) da comunhão sobre a instituição. Contra os erros desta euforia ergue-se não só toda a tradição da Igreja como a revitalização teológica do conceito de Povo de Deus. Este Povo não é uma massa que se forma, molda e estrutura à maneira dos grandes corpos políticos na sua evolução mais completa. Povo suscitado por Deus, a estrutura que lhe dá vida é parte integrante da sua existência, e isto desde o início. * (1)

* São relativamente fáceis de ver as observações que daqui decorrem para o entendimento do "apostolado dos leigos" hoje.

1) O "apostolado dos leigos" é a expressão da vida mesma deste Povo nas condições de existência que caracterizam grande parte dos seus membros - não é nem mais nem menos do que a missão da Igreja realizada, por direito e por dever, por aqueles cuja condição é ser leigo. (Veremos adiante o que isto significa).

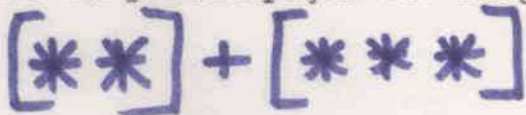
2) O "apostolado dos leigos" não é assim uma actividade de uns quantos indivíduos; poderá, quando muito, exprimir a forma particular como os leigos realizam a missão da Igreja no mundo.

3) O "apostolado dos leigos" não se realiza à margem da vida da Igreja no seu todo. É enquanto membros do Povo de Deus que os



leigos podem e devem ser factores de apostolado.

Estes breves enunciados bastariam para ajudar a compreender a chamada "irrupção do laicado" que se produziu em Roma em Outubro de 67. Houve ^{nessa} ~~uma~~ irrupção a vontade (imprecisa e mal formulada talvez) de ultrapassar um "apostolado dos leigos" compartimentado, activista, não-ecclesial. Ficou bem vivo o desejo de encontrar o significado da participação dos leigos na missão comum do Povo de Deus.



II - UM POVO FEITO DE HOMENS

Este Povo, comunhão dos já salvos e instituição dos meios de salvação, não é uma abstracção. São homens que o formam, as "pedras vivas" que constituem o Templo do Senhor; homens a quem Cristo perguntou: "E tu, quem dizes que eu sou" e que responderam: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"; homens que não são melhores nem piores que os seus compatriotas e contemporâneos; homens que com outros cultivam a mesma terra, trabalham nas mesmas técnicas, vivem as mesmas contingências políticas e económicas, têm a mesma aspiração de mais, partilham as mesmas angústias e esperanças... Mas homens que o baptismo tornou diferentes, marcando-os com o "selo do Deus vivo", regenerando-os para a vida eterna, tornando-os portadores do Espírito de Cristo, aqui e agora, no meio da cidade dos homens. É no sacramento do baptismo que o "apostolado dos leigos" encontra o seu fundamento. Os mesmos homens, enxertados em Cristo, vão participar com Ele na missão de transformação do mundo. Não precisam de outro título - basta-lhes esse. Mas precisam certamente de se inserirem na marcha histórica da Igreja e de compreenderem que a sua própria existência cristã é um devir, uma constante conversão. Assim, se o baptismo é o alicerce indispensável do apostolado dos leigos, não perde o seu carácter de fundamento - algo mais vai completá-lo. Os outros sacramentos de iniciação (ou de re-iniciação), a Confirmação e a Eucaristia, completam e actualizam a morte para o pecado que o baptismo anunciou uma vez por todas. Permaneceriam inoperantes se não tivessem a exprimi-los uma vida alicerçada na fé, na esperança e na caridade.

A "natureza" de cristãos que torna os leigos membros plenos do Povo de Deus situa-os como parte integrante da missão da

Igreja. Cabe-lhes exercer um ministério - um serviço - para que o Corpo inteiro cresça na plenitude de Cristo. Cabe-lhes dar testemunho da realidade de Cristo presente no mundo hoje. Cabe-lhes manifestar a unidade de todos na mesma comunidade, como diz S. Paulo "nós todos que bebemos do sangue de Cristo não é o cálice da comunhão que bebemos?"

Esta natureza de cristãos não é um dado intocável a atravessar impune a vida de cada um. A vida sacramental que a faz crescer precisa de ser ajudada por todas as formas que a tornem verdadeira e significativa; por outras palavras, o cristão, para poder participar de maneira eficaz na missão da Igreja, precisa de se formar em todos os domínios em que essa missão se vai exercer, precisa de conhecer o porquê da sua própria acção, precisa de fundamentar, de forma cada vez mais sólida e actual, a sua fé na Revelação - na Escritura e na Tradição sempre viva da Igreja; precisa de aprender, através de passos aparentemente pequenos, o significado dum empenhamento cada vez mais intenso na missão da Igreja.

Fundação Cuidar o Futuro

A formação dos leigos é assim um aspecto fundamental da sua responsabilização crescente na comunidade eclesial. Dizia o protestante Hans Rudi Weber, no termo do Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, que as reivindicações aí formuladas requeriam um laicado plenamente adulto - e talvez a sua cortezia de observador lhe não tivesse permitido afirmar que certa superficialidade de observações, certas confusões de ordem teológica, certo clericalismo disfarçado sob mil formas, comprometiam radicalmente essa fisionomia do laicado adulto.

A formação do apostolo leigo tem oscilado entre dois polos :

- por um lado, a formação pela acção
- por outro, a formação pela concentração no próprio processo de conhecimento e crescimento pessoal.

Deve-se ao primeiro processo a certeza de que a tomada de consciência deve conduzir necessariamente a um avanço na linha da acção; deve-se-lhe igualmente uma aprendizagem, como que por osmose, das grandes linhas da vida da Igreja e da sua realidade



viva; mas o próprio carácter dinâmico da acção impede uma sistematização dos elementos adquiridos e provoca muitas vezes, passada a generosidade dos vinte anos, o "cansaço" dum dom cujas fontes se não renovam. Por outro lado, a formação que se concentra no próprio processo tem a inegável vantagem de ajudar a descobrir o "gosto vivo e saboroso da Escritura", de tornar a Liturgia o centro da vida, de fazer reflectir sobre todas as questões que se põem ao cristão do nosso tempo; a estas vantagens se opõe, por vezes, uma espécie de idealismo fora do tempo, um alheamento do concreto, motivado pela preocupação dos fundamentos e das reflexões doutrinárias.

Procura-se hoje, e mais do que nunca, uma síntese entre as duas formas; é na acção que o cristão pode experimentar as exigências que lhe são postas, que ele aprende existencialmente as grandezas e limitações dos homens e da Igreja; é, por outro lado, num processo de formação mais intenso que ele pode ganhar distância e reflectir sobre a experiência quotidiana, procurando novas etapas num engajamento mais sério. Qualquer que seja a preferência dada a um ou outro aspecto da formação, alguns factos são de salientar na orientação nova que o Congresso Mundial veio confirmar.

Fundação Cuidar o Futuro

Os cristãos, homens do nosso tempo, têm também de "especializar-se" na missão que constitue o cerne da sua vida apostólica, e têm de procurar, por todos os meios, o estímulo, a força e o dinamismo que para eles sejam uma motivação suficientemente forte e ao mesmo tempo uma reflexão crítica suficientemente pertinente.

Os diferentes meios de formação que o cristão encontra são-lhe naturalmente acessíveis, acima de tudo, nos grupos que os próprios cristãos formam ao empenharem-se de forma mais intensa na vida da Igreja. Assim é que o apostolado leigo organizado não é uma juxtaposição de "legiões", dispostas a atacar o inimigo, mas deverá ser, cada vez mais, o conjunto de comunidades de crentes que se associam segundo as suas preferências, a sua orientação de vida, a sua óptica própria de enraizamento na missão. A diversidade das formas de apostolado leigo organizado deverá vir assim não tanto dos métodos, que esses são constantemente objecto de revisão e tenderão cada vez mais para uma interpenetração que impede de os tornar exclusivos deste ou daquele grupo, mas de uma certa afinidade espiritual, constituindo os cristãos em "famílias" que se compreendem e mutuamente se ajudam.



Neste contexto é legítimo um pluralismo de formas de apostolado, mas é necessário que todas essas formas tenham a coragem de realizar regularmente o seu "aggiornamento": porque razão existimos, em que aspecto da Revelação baseamos a nossa existência, qual a validade dos meios de formação e de acção que empregamos. Numa tal revisão, se ela for honesta, formas caducas desaparecerão e formas novas hão-de surgir; a missão da Igreja, que é integrante e de todos os tempos, ultrapassa, é certo, as formas particulares do apostolado organizado, mas paradoxalmente é sobretudo nessas formas que ela se torna tangível para o cristão verdadeiramente empenhado na vida da Igreja.

Parece indispensável, neste tempo do Espírito em que vivemos, concederemo-nos mutuamente a liberdade, que é o nosso estatuto fundamental e que permite associarmo-nos segundo afinidades de visão do mundo e da Igreja, situação de vida, etc. Esta associação não pode fazer-se, evidentemente, segundo um critério arbitrário, mas está de certo modo vinculada a toda a orientação da pastoral de conjunto própria de cada Igreja local. É assim, em estreita unidade com os seus pastores, que os leigos podem determinar as formas de apostolado mais adequadas à sua situação pessoal e local. Não excluo aqui a possibilidade de empenhamento autêntico do que se chamou, no Congresso, "os leigos mal organizados". Onde forem fortes as comunidades de base, paróquia ou diocese, é natural que alguns cristãos aí encontrem a sua forma mais autêntica de inserção na missão da Igreja.

III - UM POVO NO MEIO DO MUNDO

Este Povo, que é a Igreja, não existe isolado no meio do mundo; não o caracteriza tão pouco um espírito de cruzada que o levasse a conquistar os outros povos.

Um Povo no meio do mundo significa, em primeiro lugar; que os cristãos vivem, confraternizam, trabalham com outros homens e que com eles profundamente se identificam nas aspirações fundamentais de todos os seres humanos. Há assim uma dupla lei de vizinhança e de tolerância que há-de caracterizar o cristão verdadeiramente inserido no mundo. Mas os laços de vizinhança e a abertura da tolerância conduzem necessariamente a um desejo de diálogo, a uma



procura das razões que levam o outro a ser indu, muçulmano ou simplesmente não-crente. Nesse diálogo será possível, por um lado, descobrir muitas aspirações comuns e, por outro lado, reconhecer diferenças radicais, porque se todos os homens de boa-vontade se encontram na mesma plataforma de desejo de renovação do mundo, o cristão sabe que, ao fazer os mesmos gestos, ao dizer as mesmas palavras, ao comprometer-se na mesma acção traz consigo a novidade radical de Jesus Cristo.

O cristão no meio do mundo é assim, antes de mais, o irmão dos outros homens, que com eles estabelece relações fraternas e com eles constrói um mundo novo, um mundo em que todos os homens poderão ser mais e saber ~~mais~~ mais, para serem mais. Implícito nesta primeira afirmação está o facto de cristão estar verdadeiramente empenhado no mundo, quer dizer, no trabalho da fábrica ou dos campos, da escola ou do laboratório, das estruturas sociais, políticas ou económicas. Nessa inserção ele terá como primeira regra de vida cristã a do "serviço bem feito". O apostolado dos leigos não pretende formar uma nova categoria de cristãos, aquela a que já se chamou de "leigos clericalizados"; é certo que, segundo os dons próprios de cada um, alguns leigos se empenharão mais na dimensão "intra-mundana" do mundo e da Igreja e outros mais na dimensão espiritual de uma e outra realidade. Queremos reconhecer nesta afirmação que há, tanto no domínio temporal como no domínio eclesial, duas dimensões: uma dimensão feita da estrutura mesma das coisas profanas, feita de competência nas ciências que, ao longo dos séculos, se foram tornando autónomas, e outra dimensão directamente ligada ao anúncio de Jesus Cristo, estando essa igualmente presente, quer no trabalho eclesial quer no trabalho temporal.

Estar no meio do mundo pode pois significar a preferência de um ou outro destes caminhos, mas sempre com a consciência viva da participação na Revelação de Jesus Cristo, que se concretiza no aqui e no agora em que a pessoa se movimenta.

Um Povo no meio do mundo é um povo que vive com o coração aberto à escala do mundo. A missão da Igreja foi, desde o início, uma missão universal (~~...~~ ide, ensinai todos os povos, baptisando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo - Mt.28,19 e seg.); mas hoje, a própria evolução da civilização conduziu à afirmação, tantas vezes repetida, de que ou o mundo se ~~fax~~ constrói solidariamente, ou a história caminhará para o seu próprio aniquilamento.



Daí que o apostolado leigo exija uma dimensão de universalidade - que outra forma não é de dâzer catolicidade - que não se pode satisfazer com provincianismos fáceis nem com nacionalismos exacerbados. É o mundo inteiro que está em jogo e é numa apreensão global da história dos homens que o apostolado leigo pode ganhar dinamismo e força. De resto esta dimensão universal responde à colegialidade episcopal que torna todos os bispos, em conjunto, solidariamente responsáveis pela Igreja Universal.

É assim, com os seus pastores, reunidos como um só Corpo à volta de Pedro, que os leigos de hoje são responsáveis, ao incarnarem na sua existência quotidiana uma preocupação apostólica por uma missão que transcende essas mesmas fronteiras e que engloba a realidade toda do mundo em que vivemos.

FIM



notas :

Fundação Cuidar o Futuro

1) É neste contexto que se situa todo o problema das tendências "democráticas" manifestadas no Congresso Mundial e em alguns países. Como recentemente o observou Vitorino Veronese, na alocução aos membros do Episcopado Italiano, em nome dos leigos de Itália, estas tendências resultam de um equívoco. Com efeito, "a democracia, enquanto estrutura e regra jurídica não é aplicável à Igreja como o não são a aristocracia, a oligarquia ou a anarquia"; mas é legítimo falar de "um sentido democrático", quer dizer, "de uma maneira aberta, leal e directa de relações entre os diversos ~~elementos~~ membros do Povo de Deus".

Um apostolado dos leigos que fôsse apenas o dócil instrumento da Hierarquia não teria muito sentido nesta compreensão, ao plano humano, do que significa constituir o Povo ~~de Deus~~ cujo "estatuto fundamental é a liberdade" (LG § 1). Mas teria ainda menos sentido um "apostolado dos leigos" que "ignorasse" a Hierarquia. Se o Povo de Deus é estruturado intrinsecamente, toda a manifestação da vida deste Povo deve fazer-se na harmonia dos elementos que o constituem - e a Hierarquia, no seio do Povo de Deus, não é o árbitro das decisões mas um especial instrumento do Espírito Santo agindo no seio desse Povo.